

EDUCAÇÃO ESCOLAR NO CONTEXTO DE PANDEMIA: ALGUMAS REFLEXÕES

SCHOOL EDUCATION IN THE PANDEMIC CONTEXT: SOME REFLECTIONS

Claitonei de Siqueira Santos¹

RESUMO

O presente texto tece algumas reflexões sobre educação escolar no contexto de pandemia, contrapondo um discurso apressado sobre revolução na educação pós-crise da Covid-19. Enfatiza que tal visão é incoerente do ponto de vista histórico e também teoricamente.

Palavras-Chave: COVID-19. Educação. Revolução. Pós-pandemia.

ABSTRACT

The present text weaves some reflections on school education in the context of a pandemic, contrasting a hurried speech about the revolution in education after the Covid-19 crisis. Emphasizes that such a view is inconsistent from the historical point of view and also theoretically

Keywords: Covid-19. Education. Revolution. Post-pandemic.

¹Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: claitonsiq@hotmail.com

Desde o isolamento social devido à pandemia da Covid-19, muitos têm se preocupado e buscado formas novas de se reinventar na luta constante pela reprodução das condições materiais de existência. Com a educação escolar não foi diferente. Uma pane, a certo modo, se abateu sobre toda a categoria de profissionais da educação e, em especial, o professor, justamente por este não trabalhar no vazio, mas sim na relação e interação constante com os alunos, outra parte importante nos processos formais de ensino aprendizagem e, em função dessa importância, de forma alguma pode ser preterida em qualquer análise que se faça sobre a educação escolar em contexto de pandemia.

Nessa direção, objetiva-se fazer alguns apontamentos e reflexões sobre a educação escolar em tempos de pandemia. Mais especificamente acerca de um discurso um tanto ultraotimista, apressado, para não dizer equivocado, que tem sido veiculado e que versa na direção de uma revolução na educação escolar pós-pandemia. Destacando que a educação não será mais a mesma após o fim do isolamento social e o conseqüente retorno das aulas presenciais. Vejamos, então. No nosso entendimento, o referido discurso veiculado nas chamadas Webinar, Live etc., é ultraotimista e apressado por dois motivos. Primeiro, apresenta um possível resultado, desfecho para o futuro da educação, um vir a ser que não se tem como saber como será, mas tem sido colocado de forma escatológica.

O segundo motivo se deve ao fato de que essa perspectiva não se sustenta do ponto de vista teórico. Não se pode olhar para o futuro sem refletir o presente e também analisar o passado e as ações nele desenvolvidas. Assim, tem-se atribuído à boa vontade e disposição do professor a responsabilidade para a revolução na educação escolar pós-pandemia pelo fato desse profissional, mais do que antes, estar utilizando como recurso didático ferramentas como o computador, tablets, celular, televisão etc. Até entendo e considero válida a busca de valorizar o professor nesse contexto tão difícil. Entretanto, é preciso manter a consistência e coerência teóricas.

O fato de se utilizar as ferramentas e a potencialidade da internet em tempos de globalização não significa novas formas ou práticas pedagógicas de ensino. Tanto que as enormes listas de exercícios para que os alunos resolvam sozinhos em casa têm imperado nos processos de ensino aprendizagem. Não se estabeleceu novas formas de ensino que impulsione a criatividade dos alunos e muito menos uma educação que valorize a reflexão em detrimento de práticas positivistas de ensino e as avaliações tradicionais estão aí para comprovar a manutenção das ações coercitivas das gerações mais velhas sobre as mais novas, para lembrar a definição clássica de educação de Durkheim.

Para Durkheim, a função do fenômeno educativo é constituir o ser social visando a manutenção e a reprodução da ordem social. Marx, ao fazer referência à totalidade, entende-a como processo histórico, de tal modo, a dialética compreende a história como o movimento de um conteúdo engendrando diferenças, polaridades, conflitos. Portanto, as contradições existentes na estrutura social não podem ser preteridas quando se propõem a pensar um movimento que se queira revolucionário no campo educacional, uma vez que a educação escolar é um campo repleto de interesses e permeado por relações de poder.

Assim, torna-se forçado, precipitado e incoerente pensar uma revolução na educação pós-pandemia somente pela boa vontade, disposição e ação do professor que em tempos de isolamento social passou a utilizar mais fortemente os recursos da internet. É preciso pensar as ações em âmbito das políticas públicas

para a educação e no seu interior, refletir sobre aquelas que estão voltadas para a formação de professores. Não existe revolução na educação sem a ruptura com o elitismo educacional, sem a redução das desigualdades sociais e, conseqüentemente do darwinismo social, no qual somente os mais fortes e capazes sobrevivem. É preciso pensar a partir da totalidade, não desconsiderar a realidade do aluno, o meio social em que vive e nas condições deste realmente poder aprender, centrar nas necessidades do aluno do século XXI, pensando no tipo de sociedade que se queira formar.

É preciso ainda ter em mente a definição de que educação se almeja construir, romper com um processo de instrução e centrar na formação, no sentido Gramsciano. Libâneo (2011) destaca as ações do Estado para desmobilizar o movimento de professores que em torno da Associação Nacional de Educação (ANDE) conseguiu, por dez anos, mobilizar o campo educacional no Brasil em favor da escola pública, apresentando uma carta de princípios que definiu o que se entendia como educação de qualidade a ser implantada. Essas disputas não podem ser preteridas, pois elas emperram mudanças mais significativas. Elas, muito mais limitam do que impulsionam a atuação do professor, pois ainda são presentes na ação cotidiana dos docentes, embora sua boa vontade seja algo visível, mas não suficiente.

Uma revolução na educação precisa romper com a mesmice da escola, trabalhar conteúdos que impulsionem a construção da cidadania, ou seja, os interesses individuais e sociais. A efetivação das leis, isto é, o acesso concreto ao direito de habitação, alimentação, saúde, educação, trabalho, segurança, bem-estar, desenvolvendo uma prática que seja aberta à possibilidade de questionar o que se faz, de incorporar de fato os interesses dos alunos e de produzir a capacidade de pensar, agindo com criatividade e autoria de seu pensamento.

Portanto, sem ações mais amplas e efetivas que foque logo de imediato na formação do professor e definição do que se almeja com a educação, estabelecendo a redefinição de prioridades, o reconhecimento da importância da função do poder público, fortalecimento de medidas que assegurem a permanência na escola, revisão dos critérios de seleção e dosagem dos conteúdos curriculares, melhoria das condições de trabalho e remuneração, parece ser distante falar em revolução na educação pós-pandemia. Assim, sem olhar para o passado é difícil falar em mudança no presente e, quiçá, para o futuro. “Historicamente, o momento de virada de uma onda é uma surpresa” (ANDERSON, 1995, p. 23).

Por conseguinte e para que não fique a ideia de uma perspectiva niilista para o futuro da educação escolar em época de pandemia ou pós-pandemia, necessário se faz ainda manter firme a sobriedade destacada pelo filósofo italiano Antonio Gramsci (2014, p. 265) na máxima “Pessimismo da inteligência, otimismo da vontade”. Visto ser a luta árdua, cotidiana e constante rumo a uma educação verdadeiramente de qualidade, sobretudo em contexto histórico no qual as medidas neoliberais historicamente têm feito tentativas de sucateamento da educação pública brasileira. De tal modo, nos parece precipitado falar em revolução da educação sem se analisar o passado, focando em ações pontuais no presente, ainda que elas estejam associadas à boa vontade e disposição dos professores ela exige um grau de comprometimento de toda a população.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. 10. Reimpr. Rio de Janeiro:

Paz e Terra, 1995.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2007.

_____, Pierre. PASSERON. Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CANEZIN, Maria Tereza. Introdução à teoria e ao método em ciências sociais e educação. Goiânia: Editora da UCG, 2001.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Volume 2. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Co-edição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. Escola pública brasileira, um sonho frustrado: falharam as escolas ou as políticas educacionais? In: Didática e escola em uma sociedade complexa. Goiânia: CEPED, 2011. P. 75-95.